

82.09

F837A

Ex 1

C92569075

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00114509
Data 25 / 05 / 05
() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**O SOM E A FÚRIA: O RETRATO DA FRAGMENTAÇÃO DO SER NA SOCIEDADE
PÓS-MODERNA**

Ceni Margarida Franz

Pontes e Lacerda – MT

2004

Ceni Margarida Franz

**O SOM E A FÚRIA: O RETRATO DA FRAGMENTAÇÃO DO SER NA SOCIEDADE
PÓS-MODERNA**

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação
em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL)
da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda como requisito parcial
para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profª. Vanderluce Moreira Machado Oliveira

Pontes e Lacerda – MT

2004

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora.

Local e data da aprovação

Dedico este trabalho, em especial, ao doutor Joachim Knaack, por ter despertado em mim a importância do conhecimento e a necessidade de buscá-lo, permitindo que o mesmo transforme o ser.

Primeiramente a Deus, por me dar o Dom da sabedoria, para que eu chegasse ao final dessa incansável luta, que muitas vezes se tornou desgastante e árdua, mas, enfim, mais uma etapa foi vencida;

Em especial às minhas duas filhas, Kelly Cristina e Karen Caroline, pela compreensão e apoio;

Ao meu irmão Nobrelino Franz, pelo apoio moral e financeiro, pela compreensão e incentivo, ao meu crescimento. Sabendo de minhas limitações, amparou-me e incentivou-me a acreditar que somos todos capazes de aprender. Agradeço-lhe por ter me incluído em seu mundo e acreditado no meu crescimento, pois parte do que sou e espero ser, devo a você;

Aos meus amigos Rodrigo Nogueira e Clayton Farias, pelo apoio e incentivo a continuar na busca do conhecimento;

Em especial à minha orientadora Vanderluce Moreira Machado Oliveira, que acrescentou muito em minha vida.

*A ec-sistência é a própria essência do homem.
Ela consiste no estar o homem 'na clareira do ser', 'na
luz do ser', 'na proximidade do ser'. Consiste em o homem
'ser interpelado pelo ser', 'ser lançado pelo próprio ser',
'estará á abertura do ser'.*

(Martin Heidegger)

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
APRESENTAÇÃO.....	08
INTRODUÇÃO.....	10
O SOM E A FÚRIA: O RETRATO DA FRAGMENTAÇÃO DO SER NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA.....	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

RESUMO

Nesta análise abordaremos na obra “O som e a fúria” (1946), a fragmentação e a fragilidade do ser na sociedade pós-moderna. Entendendo de forma limitadora, como o autor William Faulkner, apresenta o homem da pós modernidade evidenciando a fragilidade do ser e sua fragmentação perante uma sociedade de um capitalismo tardio. O ser está em busca de sua identidade em meio ao caos de uma sociedade globalizada.

Palavras – chave: Existência, Fragilidade, Pós – Modernismo

APRESENTAÇÃO

A obra “O som e a fúria” (1946), de William Faulkner, é narrada por uma técnica conhecida como fluxo de consciência que mostra que o ser humano pós-moderno encontra-se em crise de identidade, em que o ser está em busca de uma nova formação delas, dentro das estruturas e processos centrais da sociedade moderna, em que o homem luta contra o tempo, mas não consegue se desvencilhar dele, sendo um escravo do tempo. Faulkner retrata em sua obra que o ser se liberta do tempo, mas não de sua contingência temporal.

A obra apresenta o cenário da crise em que se encontram os grandes plantadores no pós-guerra e o destino do cidadão norte-americano e do homem de sempre, onde as leis obscuras que comandam as ações dos homens emanam de uma força de fatalidade coletiva, inserindo-se nela um pessimismo maniqueísta e um desespero apocalíptico.

Neste contexto histórico, temos a Segunda Fase do Modernismo, momento literário em que os artistas se obrigavam a se definir na trama do mundo contemporâneo, adaptando-se às mudanças políticas, econômicas e culturais. Através da literatura, os autores enfocavam os conflitos do indivíduo frente à sociedade e, usando uma linguagem figurada, procuravam analisar a “realidade” social da época.

Nesse momento histórico, William Faulkner produziu a obra “O som e a fúria”, na qual ele recompõe a vida do cidadão norte-americano, através da família Compson que representa a velha aristocracia sulista que sofre as influências do capitalismo num mundo globalizado.

Nesta visão, analisaremos na obra, a fragilidade do ser, à procura de sua identidade que vive em um mundo em que a modernização está completa e a natureza se dissolve.

Essa análise fundamenta-se nos teóricos abaixo:

- BRASIL, ASSIS: Joyce e Faulkner, *o romance da vanguarda*, onde o autor faz uma crítica e interpretação das obras de Joyce e Faulkner;
- HEIDEGGER, MARTIN: *Ser e Tempo*, cuja obra aborda o sentido do ser, seu tempo e suas articulações existenciais;

- HALL, STUART: *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, na qual o autor faz uma análise sobre a identidade cultural do ser, na modernidade tardia e avalia a existência de uma “crise de identidades”.
- HUTCHEON, LINDA: *Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria e Ficção*, em que a autora analisa a Poética do Pós-Modernismo, a partir das contradições entre a teoria e a prática cultural, colocando o Pós-Modernismo como um fenômeno cultural atual e provocando debates, abrangendo todas as expressões de artes. Sempre tendo como enfoque principal a posição da teoria e da prática, relata que a arte Pós-Moderna tem enfrentado implicações políticas e ideológicas conflitantes das propositadas contradições do pós-modernismo;
- JAMESON, FREDERIC. *Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*, onde o autor ilumina a nova posição que a cultura, imersa na lógica da mercadoria, assume neste estágio multinacional do capitalismo. Também mapea as determinações do presente, e salvaguarda o pensamento crítico em meio às apologias e denúncias simplistas da nova ordem mundial;
- NOGARE, PEDRO DALLE: *Humanismo e Anti-Humanismo, introdução à antropologia e filosofia*, cuja obra nos fornece uma idéia das evoluções históricas das concepções do pensamento humano, expondo alguns pensamentos de importantes filósofos assim como: Nietzsche, Heidegger, Sartre, Marx, Kierkegaard, Levi-Strauss e outros. Apresenta, ainda, algumas das concepções que o homem teve de si nas concepções humanista e renascentista, até chegar ao humanismo contemporâneo.

INTRODUÇÃO

Este ensaio monográfico nos trás uma reflexão sobre a fragmentação do ser, que se encontra em constante busca de identificar-se e compreender-se na sociedade contemporânea. Observando esta fragmentação do ser na sociedade moderna escolhi trabalhar sua fragilidade e sua busca pela formação de sua nova identidade perante uma sociedade capitalista, em que se observa uma incompatibilidade entre o indivíduo e a sociedade, tornando-se um dos motivos fundamentais da dor do ser, no mundo pós-moderno.

Tendo como apoio a obra “O som e a fúria” (1946), de William Faulkner, um dos preconizadores da literatura contemporânea que trás à tona a fragmentação e a fragilidade do ser pós-moderno. Através do personagem Jason Compson, o autor faz um retrato do homem pós-moderno, analisando-o como um ser existente, fragilizado e condicionado pelo meio. Na busca de responder inquietações faremos uma análise do perfil do personagem, destacando-se sua fragmentação e fragilidade, observando-se como Faulkner apresenta este homem e sua fragmentação na sociedade pós-moderna.

O SOM E A FÚRIA: O RETRATO DA FRAGMENTAÇÃO DO SER NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

A Obra “O som e a fúria” (1946) narra a história da decadência de uma família da velha aristocracia sulista, os Compsons, na qual o protagonista Jason, um homem agastado e disciplinador, persegue com um ódio feroz a sobrinha, uma adolescente sensual e leviana. A intriga da ação gira em torno da perseguição implacável que Jason move contra Quentin. Neste mar de destroços, Jason tenta defender a dignidade abalada da família, restando-lhe um amontoar de frustrações, de despeitos recalcados, de humilhações constantes, que uma pertinência cruel não consegue esconjurar. O novelo é deslindado pouco a pouco, e a história de três gerações de Compsons, patenteia-se na sua inteira crueza de maldição irrevogável, fazendo da obra uma ilustração da condição humana, um ser arremessado ao tempo.

Jason não encontra a paz, por ser um “ser” preocupado pela moral dos que o rodeiam, fechando-se, deixando de viver sua própria vida. Vive em função da sobrinha, impedindo-o de encontrar-se como ser, prejudicando seu próprio crescimento, esquecendo-se que o tempo é a desventura do homem, e o homem é a soma das suas desventuras. Segundo Sartre,

A desgraça do homem é ser temporal. Um homem é a soma de suas próprias desgraças e poderia pensar-se que a desgraça terminará um dia por cansar-se, mas então o tempo se converte em nossa própria desgraça. (Apud Brasil, Assis, 1732. p. 124)

Tempo esse que Jason procura em vão, um ponto de referência capaz de dar algum sentido à caótica contingência que é existir.

Conicionados a viver resultante da situação social que lhe é colocada, cada membro da família luta por um ideal de uma forma isolada, fragmentada, tal como a história é narrada, mostrando o ser sentindo-se isolado não só da sociedade que o condicionou, bem como no âmbito familiar, ainda que em meio a tantas pessoas, levando Jason a uma reflexão sobre o sentido da sua própria existência., atingindo-o de uma maneira muito pessoal quanto à fragilidade da condição humana, como um ser existente.

Nunca tive tempo para o ser. Nunca tive tempo para ir para Harvard como Quentin, ou beber até estoirar como o Pai. Tive de trabalhar. (FAULKNER, 1946, p. 194).

Jason em meio a um amontoado de frustrações e despeitos recalcados, perdeu-se como ser, não encontrando seu "eu" verdadeiro, necessitando, portanto, encontrar-se como homem para se descobrir a si próprio. Conforme afirma Heidegger (2004) (...) *o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define.* (HEIDEGGER apud NOGARE, 1987, p. 155) questionando-se, sem rumo, sem destino em constante busca de algo como o ser e o nada, ou seja se ele é ser, ele existe, e nada porque nada encontra em sua existência. A exemplo,

'ec – existência é a própria essência do homem' (...) Ela consiste no estar o homem 'na clareira do ser', 'na luz do ser', 'na proximidade do ser'. Consiste em o homem 'ser interpelado pelo ser', 'ser lançado pelo próprio ser na verdade do ser', 'estar exposto à abertura do ser'. (HEIDEGGER, apud NOGARE, 1987, p. 181).

Em consonância com o autor acima citado, Sartre afirma que a existência precede a essência. Assim, notamos que o ser na sociedade é um ser interpelado pela própria sociedade, pois o mesmo encontra-se desestruturado em busca de algo para se firmar, encontra-se "perdido" em meio a uma sociedade globalizada, que segundo JAMESON (2002) busca rupturas e eventos querendo neles encontrar um instante revelador que depois dele nada mais será igual, dando-se conta que tudo mudou. Jason encontra-se em constante busca deste instante revelador, do qual ele necessita para que possa encontrar-se como ser existente, pois o mesmo lamenta-se por não ter tempo para o próprio ser *Nunca tive tempo para o ser.* (FAULKNER, 1946, p. 194). Porém, ele mesmo não se desprende como ser, para se lançar na verdade de seu próprio ser existente, pois, ao aceitar e se ocupar dos problemas dos outros, deixa de viver sua própria vida, não dando abertura para a existência de seu próprio ser, suas próprias vontades, deixando-se emanar e interpelar pelos que o rodeiam. *Eu não tenho muito orgulho, não posso dar-me a esse luxo com uma cozinha cheia de negros a alimentar e a roubar do manicômio uma das melhores estrelas.* (FAULKNER, 1946, p. 240).

O "instante revelador", "talvez", seria para Jason a chave para se descobrir como um ser existente, situando-se no tempo, porém notamos que Jason encontra-se preso a

uma responsabilidade que não escolheu, sendo o esteio de uma família que não foi construída por ele próprio. Encontra-se preso a um emaranhado familiar e social que o condiciona (...) *porque como raio posso eu fazer coisa alguma certa, com esta maldita família (...)* (FAULKNER, 1946, p. 239).

Faulkner explicita em sua obra o ser existente, suas fragilidades e obstáculos encontrados em uma sociedade contemporânea que está em busca de rupturas que faz com que o ser perca sua própria identidade, descentra-se da sociedade a qual pertence, sociedade esta, que faz dele um sujeito sem uma "identidade definida". Observa-se na obra que Jason encontra-se perdido em seus pretextos familiares e sociais.

Com o precedente que me marcaram tenho que ser maluco para insistir (...) Pensa que me preocupava com este maldito carro, se tudo dependesse de mim? Digo que posso passar bem sem um. Aprendi a passar bem sem muitas coisas (...) (FAULKNER, 1946, p. 245).

Entretanto se questionamos esta identidade plena e definida do sujeito na sociedade moderna, não se encontra realmente um ser com sua identidade definida, unificada e completa. Podemos dizer que esta identidade é uma fantasia, pois os sistemas de significação e representações culturais se multiplicam, e perante esta multiplicidade podemos encontrar uma identificação temporária.

O sujeito forma sua identidade conforme a sociedade na qual se encontra inserido, ao fazermos uma retrospectiva veremos que existiram vários sujeitos, tais como o do Iluminismo, o sociológico, e o sujeito pós-moderno, em questão. Pode-se notar que este último coloca-se como um sujeito mais complexo, pois sua identidade está relacionada ao caráter de mudança da modernidade tardia, conhecida como o processo de mudança da "globalização" e seu impacto sobre a identidade cultural.

Segundo Assis Brasil (1992), aqui nos deparamos com a posição até certo ponto "existencialista" de Faulkner, para quem a modificação dos caracteres humanos, sua adaptação a um mundo falso e calculista vêm em função de uma não controlada mudança social. E nos dá a idéia de que o mundo tem de viver em face dessa visão "degenerada" de alguns indivíduos sem caráter, que conseguem vencer à custa de vitórias moralmente negativas.

Observamos que ocorre uma transformação de identidades do sujeito pós-moderno ao longo do tempo, passando o ser por processos inconscientes de influências familiares e sociais. Dir-se-ia que o sujeito não nasce com uma identidade já formada inata, e sim incompleta em constante "processo", pois passa por processos inconscientes de formação sendo formada ao longo do tempo, não sendo algo acabado e sim em andamento, formadas e transformadas constantemente conforme a formação cultural e social do indivíduo. Para Jason esta nova formação de identidade acarreta uma série de fatores, podendo se destacar um deles: a tradição familiar que traz consigo, como representante da terceira geração dos Compsons. A saber:

A presença não tem somente a tendência de cair no mundo com que é e está, e de interpretar a si mesma pela luz que dele emana. Juntamente com isso, a presença também decai em sua tradição apreendida de modo mais ou menos explícito. A tradição lhe retira a capacidade de se guiar por si mesma, de questionar e escolher a si mesma. (HEIDEGGER, 2004, p. 49)

Percebemos que Jason reflete um ser incoerente com seus pensamentos, pois tenta em vão defender a dignidade abalada da família, defendendo algo que nem ele acredita, deixando de viver o seu próprio eu, que se fecha em seu íntimo, vestindo as máscaras de um falso moralismo, demonstrando ser um homem machista coisificando a mulher, pensando apenas em si, utilizando-se do ser feminino para satisfazer seus desejos carnavais. Não assume que de certa forma prostitui sua própria amante, praticando a mesma levandade da sobrinha, que tanto persegue, escondendo seu relacionamento amoroso. Talvez por "medo" das coisas não serem como sonha ser a ponto de não admitir o "amor" por uma mulher, ou a "falta" que lhe fazia a presença feminina, jamais admitida por ele; negava-se a construir sua própria família, por encontrar-se num emaranhado conflito familiar, não assume suas próprias fragilidades como homem.

Nunca prometo nada a uma mulher (...) Rasguei-a e queimei-a (...) É um princípio em nunca guardar um papel com letras de mulher, e nunca lhes escrevo, (...) não quero ter nenhuma mulher a chamar-me ao telefone. (FAULKNER, 1946, p. 206).

Jason coloca-se como peça fundamental para o sustento da família que lhe foi colocada; deixa-se levar enquanto ser existente, não se completa e encontra-se em

constante busca da sua própria existência. *Nunca tive tempo para o ser* (FAULKNER, 1946, p. 194).

O meio e o tempo faz com que o homem viva em pessimismo e desespero no âmbito social, essa ânsia e busca de encontrar-se no meio social é transferida pelo sujeito de geração em geração.

Rebello (1960) afirma que a viva preocupação que o romancista manifesta permanentemente pelo passado do seu país, obedece a imperativos de ordem mística, o que o leva a enveredar pelo caminho de uma narração sinuosa, pois o comportamento das suas personagens no presente estão condicionado, desde a primeira hora pelo ciclo de gerações, cujo termo limiar se situa nos dias dos índios chickasano. É isto que, de certo modo, faz de Faulkner um naturalista. Para ele, as leis obscuras que comandam as ações dos homens não emanam de uma cadência biológica computável, senão de uma força de fatalidade coletiva. Nela se inserem o seu pessimismo maniqueísta e um desespero apocalíptico eivado de grandiloquência bíblica. Como observamos na fala do personagem Roskus. – *Não há sorte nesta casa.* (FAULKNER, 1946, p. 50). A família Compsons retrata com veemência a decadência moral das velhas tradições sulistas, a exemplo: as mascaras da falsa moralidade, dos falsos valores institucionais e das tradições, como já ressaltamos anteriormente., através do retrato de Jason.

Notamos que o homem é interpelado pelo meio em que vive, tendo-se o tempo como contínuo, a saber:

'o tempo como critério para distinguir as regiões e os modos de ser 'no tempo', determinação esta que, sem dúvida, é ainda bastante obscura, persistindo o fato de que na acepção de ser e estar no tempo, o tempo serve como critério.' (HEIDEGGER, 2004, p. 46)

Para Heidegger, o homem é o lugar, a locanda, a clareira (da) do ser (Sein) "Dasein", no qual podemos observar como o "ser presente".

Na narrativa notamos que Jason encontra-se preso a seus antepassados, pois observamos que não conseguia uma realização plena de suas dificuldades, de suas potencialidades, de suas aspirações, realização plena, sobretudo, de sua liberdade. Não aceita os limites de sua existência, bem como não compreende, estar condicionado por

uma sociedade capitalista, muitas vezes "injusta", encontrando-se preso a um paradoxo de ser e ter, com a ganância de ser, a saber;

O plano de ter é o plano da alienação da angústia, do desespero. É nesse plano que o homem é degradado a simples objeto. O plano do ser é o da subjetividade, das experiências pessoais em que o homem se reencontra a si mesmo, vive sua existência autêntica, realiza suas potencialidades. (KIERKEGAARD, Apud, NOGARE, 1987, p. 142)

Encontra-se alienado a uma sociedade em que o sujeito está "fragmentado", recusando-se a uma visão burguesa da realidade, resumido pelo paradigma sujeito-objeto e, por isso, não conseguindo se realizar como um ser autêntico. Condiciona-se, jogando a culpa nos outros. Não reconhece que os tempos mudaram e que novas ideologias surgiram. Para que o sujeito não se destrua a si próprio, é necessário que se situe dentro da sociedade contemporânea na qual está inserido. E, no pós-modernismo, situar-se (...) *é reconhecer diferenças — de raça, sexo, classe, orientação sexual, etc. Situar é também reconhecer a ideologia do sujeito e sugerir alternativas de subjetividade.* (HWYSEN, 1986, apud HUTCHEON, 1991, p. 204.)

Segundo Hutcheon, o pós-modernismo tenta expressar quase sempre duplamente sua historização e contextualização da condição enunciativa de arte e faz uma apresentação que perturba o ser, levando-o a examinar seus próprios valores e crenças, não satisfazendo-os nem tendo-lhes complacência. O pós-modernismo não tenta negar o indivíduo e sim o "situa". Não nega que a coletividade pode perceber-se tanto quanto manipuladora como ativista. Questiona as próprias bases de qualquer certeza, descentraliza o sujeito de suas buscas no sentido da individualidade e da autenticidade.

Faulkner procura compor, através de Jason, um homem em crise com o meio em que vive. A sociedade pós-moderna fragmenta o ser, pois é considerada uma sociedade móvel, em que o sujeito transita entre as estruturas e processos sociais encontrando-se, sem um ponto de apoio no meio social. Isto faz com que a personalidade do sujeito pós-moderno dilua-se em seu cotidiano, assim como a personalidade de Jason dilui-se em meio a um emaranhado familiar e social, desintegrando-se da família e da sociedade parcial ou até mesmo total, a saber, a sociedade contemporânea.

produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade torna-se uma 'celebração móvel' formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 1987, apud HALL, 2002, p.p. 12-13)

Através de Jason, observamos um ser heterogêneo, incompleto e inconstante, que não consegue firmar sua existência em meio a incontáveis acontecimentos, perdidos sem um marco ou um ponto de referência, um sujeito problematizado. *Como o ser humano, dentro de si, é tudo, menos um todo, é tudo, menos homogêneo, todos os tipos de todas as coisas estão embaralhadas em seu interior (...)* (SINAI, apud HUTCHEON, 1991, p. 209). Em meio a esta sociedade pós-moderna, que fragmenta o ser, atingindo-o em suas fragilidades existenciais, não só na ganância do ter e na alienação como também podemos notar em Jason, um ser frustrado, angustiado e de uma certa forma desesperado.

Frustrado por não conseguir realizar-se como um homem bem sucedido (...) *Mas como não tenho um escritório, tenho de ir andando para o que tenho (...)* (FAULKNER, 1946, p. 195), por não libertar-se de seus próprios medos, receoso e preconceituoso, não admite que como homem pode vir a gostar de uma mulher e construir sua própria família, coloca o "preconceito" de "honra e dignidade" entre o verdadeiro amor, e a leviandade da vida mundana vivenciada pela sua irmã e sua sobrinha. *Não, obrigado, tenho todas as mulheres de que posso tomar conta por agora. Se me casasse, ela seria possivelmente destrambelhada (...)* *Era só isso que nos faltava agora na família.* (FAULKNER, 1946, p. 195).

Coloca-se como o único da família que pode cuidar da mãe e da sobrinha e, condicionando-se a isto, aceita a imposição. Ao perceber que sua vida pública poderia ser totalmente diferente angustia-se por sentir-se compromissado, percebe que não é apenas aquele que escolheu ser, mas que é também um legislador escolhendo ao mesmo tempo a si e a sua família inteira, que não poderia escapar ao senso da sua total e profunda responsabilidade. Jason procurava não demonstrar sua angústia, convencendo-se a si mesmo de não sofrê-la. Porém, para Sartre *...a angústia se aninha constantemente no coração do homem. Se existir é escolher, existir é sofrer angústia.* (SARTRE, apud NOGARE, 1978, p.157). Podemos dizer que existir é angustiar-se, porque de certa forma todo homem tem uma responsabilidade direta ou indireta com o ser, isto faz com que a angústia não seja uma cortina de separação entre o ser e a ação e

sim faz parte dela, pois o homem não é apenas o que escolhe ser, também escolhe e estabelece leis, envolvendo toda a humanidade que evolui, evolução a qual se atribui grande parte da angústia que atormenta o homem moderno, devido a evolução que lhe gera insegurança de que há uma saída para esta evolução, levando o ser a angustiar-se.

O sufoco psicológico que sofre o protagonista, rende simbolicamente à pequena burguesia urbana marginalizada em meio à modernidade onde vivem a uma errância, perdendo-se na angústia de seus pensamentos.

Theilhard ao referir-se sobre a angústia do ser, acredita que o homem está só entregue a um universo amplo, tendo como única reação, angustiar-se e se sentir reduzido a nada. Porém Heidegger acredita que a angústia do homem proporciona uma abertura para o mundo em que vive.

Para Heidegger o objeto que a angústia se angustia é o ser no mundo, não tendo nada ver com o manual intramundano, mas sim, ao ser da presença como ser. O ser, ao angustiar-se, tem várias interpretações e possibilidades de conhecer o mundo. *É angústia que pela primeira vez abre o mundo como mundo.* (HEIDEGGER, 2004, p. 251), a angústia para Heidegger é o meio pelo qual o ser passa a refletir sobre o mundo e o seu lugar no mesmo. Para ele;

A angústia não é somente angústia com... mas, enquanto disposição, é angústia por... o por que a angústia se angustia não é um modo determinado de ser e uma possibilidade da pré-sença. A angústia retira, pois na decadência compreender a si mesmo a partir do 'mundo' e na interpretação pública... se angustia para o seu próprio poder-ser-no-mundo.' (HEIDEGGER, 2004, p. 251)

Segundo Heidegger, a angústia unifica o ser no mundo, diferenciando-o dos outros, fazendo com que o mesmo aprenda a viver no mundo em que foi lançado. Dentro desta visão podemos compreender que a angústia de Jason revela a angústia do ser pós-moderno entre a existência e a sobrevivência. Arremessando-o a um desespero onde a vida torna-se insuportável.

O desespero de Jason é um desespero de "fraqueza", o qual trata do desespero de quem não quer ser ele próprio; por Jason ser um homem espontâneo, sem reflexão e interioridade, inteiramente extrovertido, não reflete sua condição e a aceita, ao sentir as conseqüências de seu ato impensado é arrebatado por um golpe do destino, tornando-se

um ser infeliz e desesperado, procurando desesperadamente em encontrar-se a si próprio como um ser existente. Segundo Kierkegaard,

O desespero em que pretendemos ser nós próprios exige a consciência de um eu infinito. E esse eu que o desesperado quer ser, isolando-o de qualquer relação com um poder que lhe deu existência, arrancando-o à idéia da existência de tal poder. Com o auxílio dessa forma infinita o eu quer ser, escolher o que admira ou não no seu eu concreto... E recusando-se a aceitar o seu eu, a ter como seu esse eu que lhe coube em sorte, quer pela forma infinita, quer persistir em ser, construir ele próprio o seu eu. (KIERKEGAARD, apud NOGARE, 1987, p. 135)

Quando as conseqüências dos atos impensados de Jason vêm à tona, o protagonista faz uma reflexão de sua existência, encontrando-se fragilizado como ser, causando-lhe dores de cabeça, que se convertem em náusea, a náusea que é o reflexo da sua própria condição, da sua desenlinhicação no mundo das coisas inertes, opacas, densas, e em que o homem se sente medusado como elas sinderado num em si

O ar clareava, os farrapos de sombras fugidias já não eram a essência da paisagem, e parecia-lhe que esta melhoria do tempo era outro golpe hábil do inimigo, as forças frescas contia a qual ele estava a trazer antigos ferimentos. (...) Soprava-lhe continuamente no rosto. Parecia-lhe sentir o embate prolongado dele a inteirar-se-lhe no crânio, (...) (FAULKNER, 1946, p. 312).

Jason, atingido em suas fragilidades como ser, passando por uma náusea inerte em suas reflexões, *podia ver as forças opostas de seu destino e da sua vontade a convergirem agora para uma junção que seria irrevogável*. (FAULKNER, 1946, p. 313), o que faz com que ele se "encontre" como um ser existente, sente-se um indivíduo só, e que é mais um entre outros. A título de exemplo:

(...) é preciso que o homem enfim desperte de seu sonho milenar para descobrir sua solidão total, sua estranheza radical. Agora, sabe que como signo, está à margem do universo onde deve viver. Universo surdo a suas esperanças, como a seus sofrimentos (...) (MONOD, apud, NOGARE, 1987, p. 243)

Jason passa por uma fragmentação psicológica que desfaz a idéia humanista de um ser completo que vive em harmonia com a sociedade. Segundo Hutcheon (1991),A

arte pós-moderna sempre tem consciência da diferença, diferença também dentro de qualquer agrupamento, diferença definida pela contextualização ou posicionamento em relação à pluralidade dos outros.

Para Faulkner, o homem está preso a dois discursos, um dos humanistas liberal, o qual visa à liberdade, auto-realização, auto-determinação e racionalidade para todos. O outro discurso, o da submissão imposta pela modernização urbana, deixando-o às margens da sociedade que, para HUTCHEON, é próprio da arte pós-moderna expor em seus temas aquilo que está às margens da sociedade, conforme fragmento abaixo:

As margens e as extremidades adquirem um novo valor, o ex-cêntrico, tanto como off-centro quando descentralizado, passa a receber atenção, aquilo que é 'diferente' é valorizado em oposição à 'não-identidade' elitista e alienada, e também ao impulso uniformizador da cultura de massa. (HUTCHEON, 1991, p. 170)

Hutcheon afirma que não podemos considerar o Pós-Modernismo como um novo paradigma, pois é uma força problematizadora que afirma as diferenças, desafia todos os tipos de instituições, mas seu espaço é do debate, a traição da reconciliação e não unidade, problematiza a relação com o mundo real, a exemplo:

Pós-Modernismo é uma reavaliação da reação do indivíduo a sua sociedade... especialmente aos códigos semióticos de comportamento, valor e discurso da sociedade. Contesta através da intertextualidade o fechamento e o sentimento único centralizador. (HUTCHEON, 1991, p. 64)

Segundo a autora, o Pós-Modernismo procura problematizar e com isso fazer-nos questionar toda "realidade", não oferecendo respostas utópicas, mas perguntas que tornarão possível qualquer processo de resposta. Afirmando que é essencial que a duplicidade deve ser mantida e não resolvida.

Para Jameson (2002), o Pós-Modernismo é para designar a cultura, no sentido amplo, e fala em Pós-Modernismo como uma lógica cultural, ou dominante cultural, que conduz a transformação da esfera cultural na sociedade contemporânea. Associa o Modernismo ao Capitalismo Monopolista, e o Pós-Modernismo ao Capitalismo Tardio.

Faulkner, através da obra, não oferece respostas ou soluções para o homem contemporâneo, mas problematiza a sua existência como ser no tempo, evidenciando suas fragilidades frente à sua existência e sua fragmentação no meio em que vive.

"O som e a fúria" (1946), um mergulho no "inferno" interior do ser, cheio de som e fúria, sem qualquer sentido, leva o ser a rever sua existência, evidenciando suas fragilidades, singulariza-o e o insere a uma errância entre um paradoxo existencial frente à modernização. Coloca o ser contemporâneo como elemento constitutivo da própria formação humana, em um processo aberto que desafia, questiona e contesta, porém não assinala uma mudança utópica radical, não coloca de forma alguma, nenhuma ruptura e sim tenta verificar o que ocorre quando a cultura é desafiada, incluindo-se a existência do ser e da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores impostos pela sociedade Pós-Moderna situam o homem em crise, fragmentando-o, não lhe oferecendo novas perspectivas, tendo que aceitar as identidades coletivas, porém não abandonando sua individualidade.

Observamos na obra "O som e a fúria" (1946) que FAULKNER usa-se do protagonista para trazer à baila as fragmentações e fragilidades do ser, evidencia, que Jason aceita as imposições, acovardando-se atrás das máscaras dos falsos valores morais das instituições familiares e sociais, ocultando suas várias faces, preocupando-se com a moral dos outros, tenta encontrar-se como ser autêntico, frustrando-se e angustiando-se perante sua própria camuflagem como homem pós-moderno.

A sociedade condiciona o homem, demonstrando que o ser nunca conseguirá a noção existencialista da liberdade, pois sempre vai esbarrar nas condições impostas, seja ela marxista ou não. O homem torna-se, assim, um ser fragilizado, continuamente em busca de algo que sempre o supera e transcende, onde tudo vai, tudo torna e a roda da existência gira eternamente, fragilizando o ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Assis. *Joyce e Faulkner, o romance da vanguarda*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FAULKNER, William. *O som e a fúria*. Traduzido por Mário Henrique Leiria e H. Santos carvalho. Prefácio e Revisão de REBELO, Luís de Souza. Portugalia Editora: Lisboa, 1946.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Garaciara Lopes Louro, 7 ed. Rio de Janeiro: D&A, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 13 ed. São Paulo: Vozes, 2004.

HUTCHEON, Linda. *A Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria, Ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Frederic. *Pós-Modernismo: A lógica cultural do Capitalismo Tardio*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.

NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismo e Anti-Humanismo*. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 1978.